

sábado 13 **OUTUBRO DE 1973** ANO I N.º 26

PRECO AVULSO: 1850

AVENÇA

CAÇADORES DO ALENTEJO Tomou

pena se firma em escrever mais uma linhas sobre o magno assunto venatório, porque se o tempo não pára, a campanha tem que continuar.

Restrinjo hoje as minhas considerações cinegéticas ao Alentejo, por saber e ver com os meus próprios olhos, que esta terra de tão nobres tradições, é a província de Portugal que mais está sofrendo, à face da caça, as mais lamentáveis consequências da desgraçada situação que criaram aos cacadores alentejanos e que dia a dia se está agravando. E assim, estamos em frente e à vista de milhares de aramados, que circundam e vedam milhares de grandes e pequenas propriedades, todas sedentárias de caça indígena. Consequentemente, é este, o assunto desta crónica.

O ARAME FARPADO

É uma situação desgraçada, das mais injustas e das que mais crueldade revelam da par- guma, no propósito, infelizmen-

consciência e bondade, olham mal o seu irmão Homem. Não podemos conceber onde está a origem e a razão por que nos expulsam de grande parte da terra que, desde milénios, o uso e costume (que é um ponto de Direito) nos deu sempre liberdade de calcurriá-la em busca da caça, salvo o devido respeito às leis em vigor. Talvez, que não estejamos longe da verdade, se dissermos que a corrida ao arame farpado, não deve ser, senão, a falsa aparência duma verdade que nos querem impingir, como se verdade fosse, aquela de sangrarem ali os gados, pela falta de maiorais. Ainda não afirmamos concretamente.

É que as propriedades que têm gados lá dentro, algumas das quais com guardas, são uma grande minoria. Por conseguinte, não é na existência dos gados, ou na não existência, que está o mal.

O mal está, sem dúvida al-

Mais uma vez a minha frágil | te dos homens que, despidos de | te |á conhecido da opinião pública, de reservarem a caça, de comerciá-la por quantias fabulosas, de proibirem os cacadores de ultrapassarem os arames e de se arrogarem com o direito de dispor da caça a seu belo

> - É simplesmente inacreditável! — Mas é mesmo assim.

Como caçadores, sentimo-nos humilhados e não podemos sequer pensar que os senhores proprietários considerem, só sua, a caça que vive e se cria nas suas propriedades, com a ridícula alegação de serem eles quem lhe dá de comer.

Em face disto que iá tantas vezes se tem dito e repetido, também nós temos que repetir que a sua lógica não é lógica, que a sua filosofia é filosofia barata, e que só uma ilusão, filha da ignorância ou da maldade, os leva à infantilidade de querem usufruir só para si, o que a Natureza deu a todos sem distinção.

Esquecem-se que, antigamente já havia agricultores que cultivavam as suas terras e que todas elas eram livres, que toda a gente podia passar por elas, e que, havendo já caçadores, nunca eles foram causa das boas ou más colheitas por lhe matarem a caça lá existente.

Esquecem-se, igualmente, que nessas épocas também havia grandes extensões de terras incultas e onde a caça abundava, onde vivia, se reproduzia, e onde comia, mercê, apenas, da prodigalidade da Natureza.

E tanto nestas como naquelas, a caça era de todos e de ninquém, e nunca o lavrador se queixou dos prejuízos que os cacadores lhes causassem.

Portanto, só a Natureza alimenta todos os animais selvampende, então, o dever sagrado de auxiliar essa alimentação

(Continua na página 3)

Juiz da Comarca Tomou posse das funções de juiz idênticas funções. A posse foi-lhe da comarca de Vila Viçosa o Dr. Armando Lopes de Lemos Triun-

Paco ducal

O número de visitantes registado no Paco Ducal desta Vila durante o passado mês de Setembro foi de 8372.

Desde Janeiro deste ano já se verificou um movimento de 63 809 vi-

Dr. Francisco Alves de Almeida

Tomou posse em Torres Vedras o novo juiz do Tribunal do Trabalho daquela Vila, Dr. Francisco Alves de Almeida, que vinha desempenhando essas funções no Tribunal do Trabalho de Evora.

Ao ilustre magistrado, que é articulista distinto e grande amigo deste jornal, apresentamos nossos melhores cumprimentos, com votos das maiores venturas tanto em família como no trabalho.

Novo Juiz do Tribunal do Trabalho de Evora

Foi empossado há dias o novo juiz do Tribunal do Trabalho de vagens e livres, e à agricultura Evora, Dr. Alvaro de Azevedo Soajando-lhe que alcance naquela cidade as maiores felicidades pessoais e profissionais.

conferida pelo juiz substituto desta comarca, Dr. Paulo José Amaral fante, proveniente da comarca de Paiva Lopes, conservador do Regis-São Vicente — Madeira, onde exercia to Civil, Predial e Comercial de Vila Viçosa, com a presença dos advogados desta localidade, os pais do empossado e do sr. Presidente da Câmara Municipal.

> O novo juiz da comarca é natural de Moura (Baixo Alentejo), e veio ocupar o lugar deixado vago pelo Dr. José Joaquim da Costa Figueirinhas, recém-colocado em idêntico lugar em Torres Novas — comarca de 2.ª classe.

Ao ilustre magistrado desejamos as maiores venturas no desempenho do novo cargo.

Por deliberação camarária é abolido do Concelho o Imposto de Trabalho

Na sua reunião de 28 de Setembro a nossa Câmara Municipal decidiu acabar com o Imposto de Trabalho que há largos anos — tal como praticado noutros concelhos - vinha cobrando dos seus munícipes, chefes

A acertada medida que põe termo a um anacrónico e tão contestado (se bem que particularmente definido) Imposto, vai custar às receitas da nossa edilidade uma importância aproximada a 200 contos.

Far-se-á sentir a falta desta quantia no valor global a entrar anualmente nos cofres do Municipio? Talvez que sim, mas a verdade é que tal deliberação vem ao encontro do desejo geral da população que decerto não deixará de aplaudir esta decisão camarária

> «Jornal da Chamusca» Setembro de 1973

Campeonato Nacional da III Divisão

em Portalegre

Desportivo Port., 4-Calipolense, 3

Ter o pássaro na mão e deixá-lo fugir, foi o que aconteceu à equipa uma grande lição para o Calipolende Vila Viçosa. Pois é verdade: o se: pôs a descoberto quase todas as Calipolense, a nove minutos do final, deficiências da equipa. Aqueles que vencia e no breve espaço de dois muito exigem, se seguiram o enminutos sofreu os golos que o den rotaram. E, isto, frente a uma equipa desorientada pela marcha do resultado e por estar em inferioridade numérica devido à expulsão do seu jogador Rodrigues a quando do lance que motivou a grande penalidade, da qual nasceu o terceiro tento do «onze» de Vila Viçosa.

Mas, constitue algum escândalo perder em Portalegre frente ao Desportivo, clube que normalmente joga para os lugares cimeiros da tabela? De maneira alguma; o que deixa uma certa pena é ter sido derrotado quando já se preparava a festa da vitória e nas condições de inferioridade numérica e psicológica em que o adversário actuava já que, para além da expulsão dum elemento, vários portalegrenses tinham visto o cartão amarelo, devido à sua falta de compostura.

O encontro trouxe, no entanto. contro com atenção, devem ter obserado que, na nossa actual equipa, há jogadores com falta de mobilidade: os defesas laterais não marcam de perto os extremos contrários, principalmente o direito, batido sempre pelo adversário directo pelo mesmo processo, fingindo que driblava por fora e saindo sistematicamente por dentro e isto durante os noventa minutos sem que o nosso defesa de tal se apercebesse; renúncia na disputa dos lances a meio campo por má forma dos jogadores da linha média, com excepção de Quinito; avançados desamparados e sem poder de desmarcação, sem o que não há movimento e sem este não existe futebol capaz de confundir quaquer defesa, por mais fraca que ela seja. Pois, verificou-se tudo

(CONTINUA NA PAGINA TRES)

Jornal do Reguengo

Este nosso simpático colega, da proficiente direcção do nosso Amigo Manuel Poças das Neves, publicou em interessante separata do seu número deste mês as suas impressões da visita efectuada há pouco a Angola pela Imprensa Regional.

Ao Manuel Poças, inesquecivel companheiro e excelente Amigo e colega, parabéns pelo seu óptimo

Pagamento de assinaturas

Pedimos aos nossos estimados assinantes o favor de nos remeterem, em vale, cheque ou selos, importâncias para liquidação dos números que entenderem, à razão de 1\$50 por exemplar, beneficiando assim dos portes e despesas de

É que a cobrança através dos correios tem-se revelado, na maioria dos casos, incómoda para os senhores assinantes e ineficiente para o jornal.

Pela atenção que dispensarem ao nosso pedido: MUITO

VILA VIÇOSA

A CADEIA DA COMARCA DE VILA VICOSA DEIXOU DE FUNCIONAR

Por decisão do Ministro da Justica, foram extintas, no dia 1 de Outubro, as cadejas comarcãs de trinta e oito concelhos, contando-se entre elas a de Vila Viçosa.

Da acordo com a disposição governativa, começaram a funcionar naquela data 6 estabelecimentos prisionais regionais, sendo um deles o de Evora que passa a servir a área de Vila Viçosa em cuja cadeia, geralmente, encontrava-se hasiteada a bandeira branca.

ANIVERSÁRIOS

Em 13 de Outubro: Florbela Gertrudes Bilro Ribeiro

Em 15 de Outubro: João Paulo Soldado Afonso

Em 16 de Outubro: António Manuel Pascoal

Em 17 de Outubro: Estela Marques Gonçalves

Em 18 de Outubro: Mariano José Marques Gonçalves

Em 19 de Outubro: Armando João Canelhas Rosado

Em 20 de Outubro: Joaquim Gomes da Saúde Maria de Fátima Biga Ródão

FARMÁCIAS DE SERVICO

Hoje e amanhã: FARMACIA TORRINHA.

De segunda-feira a domingo: FAR-MACIA MONTE.

DELEGAÇÃO REGIONAL DE ÉVORA DA MOCIDADE PORTUGUESA

NOTICIA

Dado o interesse manifestado pelos jovens, no decorrer do 1.º Curso DE SANTO ANTÓNIO de Fotografia realizado na Delegação Regional de Evora, e convencida esta da utilidade prática de tais cursos, decidiu aquela Delegação promover o 2.º Curso de Fotografia (parte teórica), o qual terá iniciado na 2.º quinzena de Outubro corrente.

As inscrições podem ser feitas até ao próximo dia 10 de Outubro na Delegação Regional sita na Rua Miguel Bombarda n.º 43.

Novas condições de assinatura

Portugal, Brasil e Espanha via normal: Semestre (26 números) 50\$00.

Estrangeiro — via normal: Semestre (26 números), 80\$00. Por avião, tem o acréscimo dos respectivos portes.

O pagamento é sempre eito no início de assinatura, e o preço, para Portugal Continental, inclui despesas de cobrança.

Dos assinantes do Continente que vierem ou mandarem pagar a assinatura antes da cobrança, receberemos apenas 1\$50 por exemplar e de cada vez liquidarão os números que quise-

CELEBRAÇÃO DO MÊS DO ROSÁRIO

Já estamos em Outubro, mês especialmente consagrado a honrar Nossa Senhora do Rosário. Em Vila Viçosa, todos os dias às 17.30 em Nossa eSnhora, com reza do Terço e Bênção do Santissimo.

FALECIMENTO

Com a longa idade de 96 anos, faleceu a sr.ª D. Maria da Encarnação Chalana, viúva de Filipe António

announce II COLÓQUIO LUSO-ESPANHOL DE HISTÓRIA ULTRAMARINA

Os participantes do II Colóquio Luso-Espanhol de História Ultramarina, que decorrem durante o mês de Setembro em Lisboa, no Instituto Superior de Higiene e Medicina Tropical, estiveram em Vila Viçosa, tendo somente visitado os reservados da Biblioteca do Paço Ducal e almoçado no Castelo.

Entre os participantes no Colóquio encontram-se alguns dos mais esclarecidos historiadores da Espanha, do Brasil, do Urugai e de Portugal.

BAPTIZADOS

Na Igreja de Nossa Senhora, realizou-se, no pretérito Domingo, 30 de Setembro, o Baptizado do menino Rui Vasco Rato Lourinho, filho dos Senhores Joaquim António Ramos Lourinho e D. Maria Fernanda Rato Lourinho. Foram padrinhos, o Senhor Custódio de Jesus Ladino, oficial do exército, e Cecília da Conceicão Rato Galvão.

Na mesma data e igreja baptizou--se o menino António Manuel Almas Bacalhau, filho de Isidro Vicente Bacalhau e de Ana Maria Caritas Bacalhau e foi apadrinhado por Júlio António Bacalhau e D. Bárbara Elisa Pereira Menezes.

OBRAS DE RESTAURO NA IGREJA

Registamos com o maior prazer a comparticipação da Fundação da Casa de Bragança no restauro dadistinto técnico-marceneiro Jerónimo Carolla Grilo, a pedido do presidente do Grupo «Amigos de Vila Vi-

E aliás sempre digna do maior respeito a colaboração que aquela ilustre Fundação, da presidência do Ex. mo Sr. Dr. António Luís Gomes, prontamente concede a todas as realizações que interessam a Vila Viçosa e às suas gentes.

YO SEU INTERESSE E NO DA SUA BIBLIOTECA LEIA LIVROS DA

LIVRARIA ESCOLAR de VILA VIÇOSA

GABRIEL JALECO

SOLICITADOR ENCARTADO

Rua João de Deus, 66-1.º ÉVORA

Telefones:

Escrit.: 24151 - Resid. 24746

O RANCHO FOLCLÓRICO DE VILA VIÇOSA NO PORTO

sentante das nossas danças e cangação do Estatuto do Trabalho Na- condições.

giões do pais, efectuo-se na pista Ultramar resolveu reeditar. que ladeia o rectângulo desportivo,

sa homenagem.

CURSO DE SOCORRISMO

luntários realizou-se de 1 a 7 de seu decurso, pelos Homens que fi-Outubro, um Curso de Socorrismo, zeram Portugal e a sua História. cuja direcção técnica esteve a carmelha Portuguesa, com a participação de elementos daquela corporação, da Guarda Nacional Republicana, da Polícia de Segurança Pública e de civis, num total de três dezenas de pessoas.

As provas finias, com exame e consequente entrega de diplomas aos que passaram nas respectivas provas, realizaram-se no domingo, com o cerimonial costumado.

mannommen



TRIBUNAL JUDICIAL DA quela Igreja, pela cedência do seu COMARCA DE VILA VICOSA

ANUNCIO

Faz-se saber que na execução de sentença n.º 7-B/73, pendente neste tribunal, que Gabriel Arcanjo Costa, residente em Borba move ao executado Joaquim António Banza Ramos, casado, serralheiro civil, com resiia na Avenida dos Duques de Bragança, nesta vila, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado, para no prazo de dez dias, posteriores aos dos éditos, virem à execução reclamar o pagamento dos seus créditos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados de natureza móvel.

Vila Vicosa, 3 de Outubro de

O Juiz de Direito,

(Armando Triunfante) O Chefe da Secretaria,

(Arlindo Duque)

Factos e Figuras do Ultramar

(CONT. DA OLTIMA PAGINA)

O agrupamento folclórico repre- homens, decorrente das qualidades e frenta, por igual, o esforço físico dos defeitos desses homens, dos imtares deslocou-se ao Porto a fim pulsos que tais qualidades ou tais ticos, económicos, administrativos de participar no festival comemora- defeitos lihes imprimiram em deter- e financeiros, paradigma de patriotivo do 40.º Aniversário da Promul- minado momento e em determinadas tismo, de sacrifício, de lealdade, de

Do humanista, pois, mas do histoe ainda 18 bandas de música civis), são as páginas que, em hora de fe-

Criteriosamente seleccionados dos enquanto que neste defrontaram-se, dois livros acima citados, os textos todo o esforço ingente exigido por nas mais diversas modalidades des- vindos agora a lume surgem-nos portivas, os campeões corporativos, com a perene actualidade das figu- mação de poderio e superioridade, O festival decorreu no majestoso ras e dos feitos que perduram, mar- o pacificador da Zambézia. Estádio Salazar, em Ramalde, que cando os momentos que se encase encheu literalmente, calculando- deiam, criando as situações que são -se em cerca de 16 000 os especta- padrões, germinando as sementes dores que se encontravam nas ban- que hão de ser continuidade, evicadas. Esteve presente na tribuna denciando a lógica, a razão, os de honra o sr. Presidente do Conse- «comos», «porquês» e «para quês» lho, prof. Marcello Caetano, que no de uma forma irreversível de viver, final do festival foi alvo de carinho- de um modo de permanência cujas raizes se aprofundam num substraséculos e ao longo destes se ter ido sedimentando, mas, muito especial-Na Corporação dos Bombeiros Vo- mente, pela acção desenvolvida, no

E são esses Homens e é essa Hisgo dos senhores Mateus Maçaneira tória que surgem, na limpidez das e Machado Gomes, do Serviço Na- palavras simples, na autenticidade cional de Ambulâncias da Cruz Ver- dos conceitos sãos, nas páginas agora reeditadas dos textos do Sr. Prof. Doutor Marcello Caetano.

E Mouzinho de Albuquerque-Capitão da Mocidade, na gesta épi-

ca da sua vitória sobre o poderio do Gungunhana, na sua carreira, acontecimentos, mas antes, e isso posterior, de governante, de intelecsim, a resultante das acções dos tual, do homem de acção que encomo a solução dos problemas polídisciplina, de desinteresse, de ideal.

É a vida gloriosa de João Couti-A exibição-desfile deste e de ou- riador para quem a História não são nho, que aos 19 anos segue para tros ranchos folclóricos (17 no total apenas factos, mas sobretudo gente, Moçambique para aí ser marinheiro e soldado, quando, em 1885, a soprovenientes das mais diversas re- liz inspiração a Agência-Geral do berania portuguesa era pouco mais que nominal, e foi chefe, condutor de homem, herói indomável perante uma necessidade imperiosa da afir-

E a evolcação dos Castros, da India Portuguesa, das figuras impares que ali serviram e ali impuseram Portugal.

E o Infante D. Henrique, é o marquês de Sá da Bandeira, militar, politico, governante conhecedor profundo dos problemas da Africa.

E também, a evocação da batato que não é válido apenas por ter lha de Chaimite, a carreira ultramarina de António Enes e a paixão e redenção de Timor, do seu renascer dos dias sombrios da segunda guerra mundial.

São páginas da Vida de um Povo, são apenas oito episódios, como poderiam ser oitenta, oito mil ou sel láquantos. Mas são um epitome de uma História gloriosa que é razão de presença, motivo de perseverança, justificação de continuidade.

José Miranda

PORTALEGRE

Visita do novo presidente «O Calipolense» n.º 25, de 13-10-73 da Câmara às Freguesias Rurais

sado dia 3 o novo presidente da Câmara de Portalegre, Prof. Manuel Inácio Pestana, uma visita de trabalho às freguesias rurais, acompanhado do vereador do respectivo pe-

Transporte do dia anterior,

DE BRAGANÇA, 5 000\$00; João An-

tónio Mila Simões, 120\$00; Sebas-

tião Pinto Estevão (Marm. Pinto &

Morelena), 500\$00; José Miranda

Relvas Batista (Biquinha - Portale-

gre), 300\$00; Sócios do Calipolense,

450\$00; José M. P. Martinho e José

R. Martinho (P. Pinheiro), 500\$00;

António José Esteves, 10\$00; Dr.

Francisco José Teotónio, 90\$00; José

Augusto Crespo Jerónimo (Almei-

rim), 1000\$00; João Teixeira (Bar

do Futebol de Salão), 1 666\$00; José

Augusto Mauricio (Agueda), 100\$00;

Joaquim António Simões Espiga,

250\$00; Miguel André Barradas,

50\$00; Manuel António Tabarra,

50\$00; Correspondente do Jornal «O

Calipolense», 30\$00; A transportar,

Nota: Esta importância encontra-

-se depositada na Caixa Geral de De-

pósitos, Crédito e Previdência.

136 551\$30.

DÁDIVAS PARA AQUISIÇÃO

DE UM AUTOCARRO

CLUBE DESPORTIVO

DE VILA VICOSA

PARA «O CALIPOLENSE»

Na intenção de se inteirar dos louro, eng. Francisco Próspero, e problemas mais prementes e de apre- dos responsáveis do sector técnico sentar cumprimentos, iniciou no pas- de obras e dos Serviços Municipalizados.

OFERTAS DE LIVROS A BIBLIOTECA MUNICIPAL

Acabam de ser oferecidos à Biblioteca Municipal algumas centenas de obras de apreciável valor literário e científico, gesto amável do sr. dr. Francisco Vinte e Um Men-

Os referidos livros entraram já no serviço de leitura, onde, depois de inventariados, ficam à disposição dos leitores interessados.

126 435\$30; FUNDAÇÃO DA CASA ORQUESTRA FILARMÓNICA DE ZAGREB

Para início da temporada artística de 1973-74, o Pelouro da Cultura da Câmara Municipal promoverá, no próximo dia 24, pelas 21.30 horas, no Crisfal, segundo programa a anunciar, um concerto pela famosa Orquestra Filarmónica de Zagreb.



TIBÉRIO RAMOS Telefone 188 — VILA VIÇOSA

Página 2 - «O CALIPOLENSE»

l'Caçadores do Alentejo Campennato Nacional da III Divisão

com os restos que ficam na terra, depois de levantadas as colheitas que, muitas vezes, é nada e só nada.

eic-

708

al.

iti-

ara

SO-

tor

or

de

Desta sorte, quem lhe dá o nos absolutos da caça que é querem ver sem saber que a caca é um desporto, que mais de 150 000 caçadores praticam em Portugal, e que estes mesmos homens, com todos os seus verdade. encargos, licenças de uso e porabatida, ou sejam toneladas de carne para o consumo público, e carta de caçador, dão ao Estado receitas fantásticas.

nacional, onde está o patriotiso descontentamento e o enfra- tra? —

quecimento da mesma preciosa riqueza?!

Não faz sentido que tão nefasta situação se verifique, pois caminho aberto a fuga das esse é da caça que resultam benefícios certos para a economia direito de se considerarem do- nacional, a resolução da terra livre, à face do arame farpado, de todos?! — Ainda mais! Não é o convite ao caçador honesto, a abandonar o seu desporto de muitos anos e a maldizer aqueles que para tal concorreram sem uma justificação plena de

Porque, note-se bem, já não é te de arma, licença de caçar, só no Alentejo, é já em toda a munições, licença de cães, caça parte por este País fóra e para qualquer lado que nos voltemos, os metros de arame farpado a vedarem outros tantos metros quadrados ou sejam milhares Se, por consequência, toda de hectares de terrenos de caça, esta mecânica é uma riqueza são aos milhões. O que ficar pois, de terra livre que ninguém mo de, com os célebres arama- pensou ainda em repovoá-la, e dos, estabelecerem a confusão, onde já pouca caça se encon-

Moçambique - Expansão Industrial

(CONT. DA OLTIMA PAGINA)

terações em existentes ascendeu a O número dos empreendimentos 94. A realização desses projectos envolvendo investimentos superio- deverá implicar um investimento res a cinco mil contos é de 21, dIs- superior a novecentos mil contos e o tribuindo-se pelas indústrias da ali- emprego de cerca de 4400 pessoas.

Postos de bens de cap. Classes (C. A. E.) trabalho fixo (n.º) (contos) Indústrias de alimentação 243 47 500 23 Indústrias testeis 11 1611 187 760 Fabricação de calçado e artigos de 149 vestuário Indústrias químicas 331 345 322 35 Fabricação de produtos metálicos .. 17 515 36 Construção de máquinas não eléc-10 000 tricas Construção de máquinas e outro ma-177 terial eléctrico Indústrias transformadoras diver-126 36 400 sas Outras classes 12 317 TOTAL 753 084

Digam-nos, por favor. O que fica e para onde vamos?

O que fica, eu respondo: um pécies para essas zonas aramadas, e nada mais. Esta, é a verdade que não mente, porque nunca é em vão que apelamos para ela quando nos encontramos em frente das realidades.

Com todas estas minhas considerações, eu marco, aqui, a minha posição de caçador alentejano ao defender a caça e caçadores, sem receio de que me acusem de menos correcto e menos respeitoso para quem quer que seja. E se continuei agora nesta campanha, é porque esta defesa, que mais não é do que um protesto contra os aramados em face da quantidade fantástica já verificada e da que continua, é apenas para salientar que, se porventura estou em erro, apélo então para a hombridade dos senhores proprietários do arame farpado, para virem às páginas dum jornal ou duma revista dizer-nos que não temos razão em protestar.

Se os seus argumentos forem de tal maneira convincentes e que para eles não haja reputacão possível, então curvaremos a fronte, e eu, só uma coisa te-AUTORIZAÇÕES CONCEDIDAS NO AMBITO DO CONDICIONAMENTO rei que fazer: quebrar a pena industrial no segundo trimestre de 1973 e não escrever mais uma linha e não escrever mais uma linha sobre assuntos venatórios. Porém, se ninguém aparecer no proscénio, então, podemos afirmar o ódio, à vingança, à ambição e à guerra que injustamente nos movem, que o tempo não para, que a vida continua, e que o Mundo é para eles como um solar só de poderosos, não vendo que o mesmo mundo é uma Bola Grande que corre ao sojrar dos ventos e ao encontro das tempestades numa dança macabra e louca, a avisar o homem de que, à face do seu egoismo sádico e ambição desmedida, querendo só para si o que não quere para o seu semelhante, nunca esqueça esta sentença: Hoje de mim, amanhã de ti!!!

> Évora — Outubro de 1973. José Manuel Queimado

(Continuação da página 1)

sa em que a equipa se encontrava, Canhoto. o que motivou que, perante a reaccão final, desesperada e precipitada dos portalegrenses, os calipolenses se se mostrassem ainda mais precipitados e acima de tudo maus táticos, pois, em vez de manterem os seus três avançados à frente o que obrigaria os contrários a manterem na sa vigilância três ou quafro elementos, recuaram todos, o que que os defesas locais se adiantaram. tendo sido os principais geradores da avalanche de lances despejados sobre a nossa baliza, criando-se, assim, a ilusão de que afinal, os portalegrenses eram em maior número. A acrescentar a tudo isto, há que mencionar a má tarde do jovem guarda-redes Castro, culpado directamente em dois golos e com grande percentagem de culpa num outro,

A equipa de Portalegre, certamente pouco habituada a encontrar Luís e Manuel José. árbitros que não temem o ambiente, desorientou-se bastante e foi ela a criar vários dos problemas que teve de enfrentar. Parece-nos melhor do obtidos por M. José (2) e Quinito. que há poucas semanas no torneio veterano jogador, Du, verdadeiro minatória da Taça de Portugal.

condutor da equipa. Ele, Falcão e Louro foram os seus melhores jogaisto e ainda carência de mentaliza- dores. Do Calipolense, destacamos ção para encarar a situação vitorio- Patacão, Quinito, Manuel José e J.

> Quis parecer-nos que este último quando foi substituído, se encontrava em condições de prosseguir.

> O árbitro revelou grande personalidade, o que é muito raro nos tempos que vão correndo. Distribuíu cartões amarelos por vários jogadores portalegrenses. Contudo pareceu--nos exagerada tal atItude em relação a Falcão, aliás, o mesmo se podendo dizer no que diz respeito

Sob a arbitragem do Sr. Vicente Alves, de Setúbal, as equipas alinharam:

Desportivo Portalegrenses: Chapelli; Félix, Nina, Du e Reixa; Rodrigues, Manuel Lino e Falcão; Nando, Chico e Louro.

Calipolense: Castro; Cesário, José Luís, Patação e Serrador; Parraça, Calisto e Quinito; João Canhoto,

A meio do segundo tempo, António Canhoto substituíu seu irmão. Os tentos do Calipolense foram

No próximo domingo, 14, o clube promovido por «O Elvas» e tal facto local defronta em Vila Viçosa, o deve-se ao reaparecimento do seu Bombarralense para a primeira eli-

PARQUE MAYER

(CONT. DA ULTIMA PAGINA)

quiosques-tabacarias, cabelleireiros e fotógrafos. A mistura espaços vagos do que foram o rinque e o ringue, e o parque de automóveis. Aquela «urbe» tem ruas, muitas sem nome mas com número. Uma ou outra, estreita, escura, que atrai, mas... vai dar a coisa alguma! Desilusão... Há árvores, ramadas, candeeiros nas esquinas dos prédios, detritos, portas que não abrem. Vielas? «Vielissimas», ou mini-vielas para falar em linguagem pop. Gatos famintos ou «boémios», por contágio.

A cercar tudo aquilo as trazeioutras abandonadas — pistas de au- ras dos prédios e do Jardim Botâtomóveis, barracas de farturas, nico. Ali, a dois passos a Praça da Alegría — com o Maxime, o solar da Márcia e etc. — ou seja, o Bairro Alto à vista.

Quisemos ouvir gente que pouco saberá mas sente a vida do seu Parque. Começámos por um velho, espanhol, de nome José Soto Oterro, que trabalha numa barraca de jogos. Disse-nos que raramente sai cá fora. Depois do trabalho umas pingas e o inevitável sono. Depois foi a vez duma senhora que, ufana, nos declarou ser empregada do guarda-roupa Paiva há 23 anos e estar habituada a viver ali com os artistas que «são boas pessoas». Uma moça esguia de calças e medalhão, pop, disse-nos: «O Parque Mayer é típico! Bestial para a malta

Quisemos saber quem era, afinal o dono daquilo. Soubemos que são um tal Dr. Carlos Alberto e seu sobrinho o Dr. Figueira. E disseram as mulheres das barracas que não é nada barato o aluguer. Uma contou-nos que a sua barraca tinha sido Luís Angelo de Almeida e Silva — que a sua assinatura está agora li- do sr. Guilherme Amado da Polícia Judiciária, que faleceu e a deixou à viúva. Falaram-nos também num tal Conde Mayer, de quem aquilo teria sido. Lenda? Verdade?

> E pouco mais é o Parque Mayer. Para além disto são táxis constantemente a parar e a arrancar, toda a noite, até de manhã, deixando gente que vive os prazeres lúdicos.

E como alfobres de gargalhadas lá estão os teatros Capitólio, Variedades, Maria Vitória e A.B.C.. Tem ainda o Mayer Cinema.

Entre outras fantasiosas e arrojadas definições já lemos que o Parque Mayer é entendido, por alguns frequentadores como uma religião.

Chamemos-lhe antes uma gare de embarque para a vida nocturna (e fácil) lisboeta.

Coluna dos leitores Mayer é típico! E passear à noite».

Quisemos saber

ESCREVA-NOS QUANDO QUISER.

da percentagem para a região de Lourenço Marques. De notar, porém, que as dezoito autorizações respeitantes a iniciativas com localização prevista para outros distritos envolvem um investimento da ordem dos 190 mil contos e a criação de mais de 1600 postos de trabalho, assumindo posição bastante destacada, em relação aos restantes, os

distritos da Beira e da Zambézia. Considerando apenas as autorizações concedidas para instalação de novas unidades, tem-se que, no período de Abril a Junho de 1973, o seu número foi de trinta esperando-se que da concretização dessas iniciativas venha a resultar um investimento da ordem dos 585 mil contos e a criação de mais de 1400 postos de

mentação (três), têxteis (sete), fa-

brico de calçado, químicas, produtos

minerais não metálicos, fabricação

de produtos metálicos, construção de

máquinas não eléctricas, fabrico de

material eléctrico (três) e transfor-

Do ponto de vista da sua localiza-

ção, os investimentos projectados

continuam a canalizar-se em eleva-

madoras diversas (três).

Tendo em conta o movimento de Janeiro a Março, poder-se-á concluir que, no primeiro semestre de 1973, o número total de autorizações ^{co}ncedidas no âmbito do condicionalento industrial para montagem de dovas unidades ou introdução de al-

João António Dias Leitão - Lis-The agradecemos. Quanto a poesia, lido até ao n.º 60. preferimos divulgar novos valores.

Capitão Joaquim António Calado Roque - Trafaria. Gratos pela sua colaboração preciosa. A assinatura o favor de perdoar a demora.

Victor Manuel Gafanhoto Caia -Alemanha. Congratulamo-nos por sabermos que ficou contente. Fale no nosso jornal a todos os amigos que ainda o não receberam. Pague como quiser; as condições vão indicadas nos jornais.

Pedro Paulo Louro - Evora. Re- até ao n.º 35. cebemos a sua carta. A assinatura fica para pagar até ao n.º 30. Muito

carta, que Lisboa. Gratos pelo pagamento, vá-

Major Armando Knopfli - Lisboa. Agradecemos o postal e o vale, que liquidou a assinatura até ao n.º 25.

António Luís Ovelha do Espírito fica paga até ao n.º 53. E faça-nos Santo — S. Pedro do Estoril. Muito obrigado pela carta. A assinatura ficou liquidada até ao n.º 20.

> António João Chamorrinha - Setúbal. Agradecemos-lhe a sua dediestá regularizada até ao n.º 30.

Basílio Augusto de Carvalho -

Francisco Grilo Fevereiro - Estremoz. Agradecidos, informamos mentos, com amizade.

Joaquim António Rosa — Lisboa Em primeiro lugar, o nosso pedido de desculpas pela demora na resposta. Houve um lapso: considerámos toda a importância para a assinatura, que ficou paga até ao n.º 46, conforme recibo que há muito lhe enviámos. Quanto aos 25\$00 para os pobres do nosso jornal, já remediámos o caso, em nome deles muito the agradecendo.

D. Maria da Conceição Paulista cação e amizade. A sua assinatura Casaca Boto - Sobreda de Caparica. Gostámos muito do seu trabalho, mas a sua publicação não nos é possível, dentro dos nossos esquemas. Lisboa. Gratos pelo pagamento Creia que ficamos com muita pena! Vamos devolver-lho, como indica. Mas não desista.

A todos, nosso melhores cumpri-

ANTONIO SANHUDO



NOTA DA SEMANA

Carta para alguns amigos

Sei que ficaram impressionados quando lhes asseverei que o Governo Português está a ver bem o problema do nosso Ultramar, e à afirmação de quinze dias não chegarem para se poder tomar posição sobre tão importante problema, respondo tão somente que sempre sabe mais quem já viu quinze dias do que quem nunca viu... No meu caso, até lá vivi, muito tempo, antes do terrorismo, como funcionário duma grande empresa, e podem crer que o passaporte «para as provincias ultramarinas portuguesas» me chocou bastante. Por isso estou encantado com a África Portuguesa de hoje, e aprovo e louvo toda a obra grandiosa que o nosso País ali está realizando a partir de 1961, convencido me sentindo de, no caso de África, ser o nosso Governo que tem razão. As incompreensões de que somos vítimas, são males da história, caros amigos, que sempre

terão o seu fim, com a vitória da justiça. Quanto a mostrarem-se contra as grandes empresas, porque lhes repugna a «exploração do homem pelo homem», como afirmam, pergunto: e nos regimes socialistas, não é também «exploração do homem pelo homem» que lá existe? A diferença é que nuns o homem é explorado pela empresa do homem, e noutros é explorado pela empresa do estado. Mas penso que sempre é melhor sê-lo pela empresa do homem, porque estas podem ser pressionadas pelos trabalhadores e quando se é «funcionário» as coisas mudam muito de figura. Conheço directamente muito do mundo, para as duas bandas das diferenças «cortinas»! E acreditem que o direito à greve que cá se reclama, só nos países capitalistas existe. Afinal, não podem os nossos trabalhadores abandonar o seu trabalho ou a ele faltarem quando lhes apetecer? e sem quaisquer consequências, a não ser para as empresas, que quanto mais poderosas maiores regalias e mais estabilidade oferecem aos seus trabalhadores. E quanto maiores forem as empresas, caros amigos, maior número de empregos haverá, e maiores possibilidades têm os trabalhadores de mudarem para onde quiserem. Isto nos regimes capitalistas, claro, porque nos outros... isto de mudar de emprego quando se quer, ou mesmo de deixar de trabalhar quando nos apetece, não é tão fácil como cá...

Acreditem, bons amigos, que também não concordo com toda a orientação do Governo, nem nenhum homem inteligente em qualquer parte do mundo poderá apoiar cem por cento seja o que for. Olhem: o problema do pão é um daqueles que eu vejo mal orientado entre nós. Acaso sabem quanto custa ao País manter o pão ao preço em que está? Pois a mim parece-me que seria muito melhor o Governo ter a coragem de permitir ao pão um preço real, com boas condições para a indústria, que está toda às portas da falência, e depois exigir-lhe qualidade e peso, com uma fiscalização rigorosa e sanções graves.

Factos e figuras do Ultramar

pelo Prof. Dr. Marcello Caetano

tempo, das obras que, de algum guras do Ultramar», reedita alguns modo, contribuem para assegurar a dos textos contidos nos livros «Pácontinuidade dos mais altos valores ginas Inoportunas» e «Por Amor da morais e culturais de um povo cons- Juventude», da autoria do Sr. Prof. titui labor cujo mérito seria, por Doutor Marcello Caetano. óbvio, absurdo enaltecer.

Dai, que tenha sido com o maior júbilo que registamos o aparecimende Além-Mar», da editorial da Agência-Geral do Ultramar, do novo vo- deza, política de conceitos formados

Professor universitário, mestre profundo de Direito, homem público de vertical probidade, orador de límto, na Colecção «Figuras e Feitos pida clareza, prosador de escorreita elegância, pensador de subtil agu-

A preservação, em espécie e pelo lume que, sob o título «Factos e Fi- em perfeita consciência dos caminhos pelos quais deve conduzir os destinos da Nação, o Sr. Prof. Doutor Marcello Caetano, mantém-se, no tumulto de uma vida da mat intensa actividade mental, no pleno



esforço permanente das preocupações do governante, o humanista apaixonado, o estudioso dedicado, o Homem de Letras para quem a História do seu País é muito mais do que o desenrolar cronológico de

(Continua na pagina 2)



2 - As autorizações concecidas no sector industrial no segunde trimestre de 1973 implicarão investimentos da ordem dos 750 mil contos

No segundo trimestre de 1973 e o contributo mais elevado para a no âmbito do condicionamento industrial, a Secretaria Provincial de Comércio e Indústria, através da Direcção dos Serviços de Indústria, concedeu 63 autorizações para instalação de novas unidades ou introdução de modificações em estabelecimentos existentes, prevendo-se que a concretização dessas iniciativas venha a implicar um investimento em bens de capital fixo de montante superior a 750 000 contos e a criação de cerca de 2800 novos postos de trabalho.

Por classes de indústrias, assume major relevância os investimentos em bens de capital fixo de montante superior a 750 000 contos e a criação de cerca de 2800 novos postos de

Por classes de indústria, assumem maior relevância os investimentos programados para os sectores das químicas e dos têxteis, seguindo-se--lhes os da produção de material eléctrico, das alimentares e das transformadoras diversas, como pode verificar-se pelo quadro que se apresenta. Em termos de emprego,

criação de novos postos de trabalho

(CONTINUA NA PAGINA TRES)

centra-se nas indústrias têxteis.

Porque ponho eu sobre os ombros a capa dos estranhos e me perco em confuso labirinto de viver que não sinto e sentir que não vivo? De me afundar mais e mais nos escombros das minhas derrocadas provocadas pelo outro que vive em mim e me julga cativo desta loucura que jamais tem fim...?

Porque procuro atalhos e veredas, caminhos que nunca vi para mais me encontrar e me reconhecer?

Veneno que me embebedas, víbora que de mim sorris talvez não saibas... quanto mais me fujo, mais vivo a rastejar, a sofrer, mais me afasto de ti e me chego à razão do meu viver!

Quanto mais desço mais me transfiguro!

(Não me julgues demente!)

Não fui teu no passado e no presente e jamais no futuro!

Eu sou isto que sou! Embora ande à deriva sem me ter naufragado.

Sou aquele que nunca se encontrou, mas que procura a forma primitiva pois traz nos dedos gravado o seu contorno, a sua aresta viva.

Joaquim Vermelho

«PARQUE MAYER»

turísticos, embora o fado o não go portal sustenta uma mistura de cante, poucos serão os que o não conhecem ou que, pelo menos, dele não tenham ouvido falar.

Geométrica e matematicamente concebido como amplo recinto de Mayer. variadas diversões é, hoje que se encontra esfarrapado e em vias de boémia lisboeta.

ao fundo da Avenida da Liberdade, na Travessa do Salitre, o Parque Mayer é o coração da Lisboa que não dorme de noite. Tem uma larga entrada com cancelas de ferro, tipo lagarta; de cada lado junto das bilheteiras, um acesso para peões; como moldura do quadro humano

cartazes gritantes e luzes multicores. Quem não conhecer a zona poderá ler, no alto, numa velha chapa, as palavras feiticeiras: Parque

Dententor dum longo historial no capítulo do nosso teatro ligeiro extinção, o mais aceso reduto da o teatro revisteiro — o Parque Mayer é ponto tradicionalmente Situado em plena «baixa», quase obrigatório para quem quer conhecer o misticismo da nossa Lisboa; é ainda, ponto de romagem para quem vivendo distante... no tempo ou no espaço, algum dia a conheceu.

Estas linhas simples pretendem falar dele aos que não o conhecem e, também àqueles que embora vi-

Embora não conste dos roteiros | que, num vai-vem, se revesa, o lar- pelo prisma frio, objectivo, retratal, com que o sentido jornalístico do pobre autor deste escrito o tentou

> Direms pois, à mistura, para uns e para outros, o que vimos, neste Verão de 1973, em que o visitámos por duas vezes, uma no início do Verão com todos os teatros a trabalhar e agora apenas com um.

Concluímos que é de Inverno que o Parque tem maior movimento, prova de que impera nele — e aliás justificadamente - a «lei» do tea-

No ventre envelhecido e aviltado daquele recinto há restaurantes e cafés envidraçados, barracas de jogos - umas a funcionar ou funcionais,

vendo-o diariamente nunca o viram (CONTINUA NA PAGINA TRES)

PROPRIET.: S. I. C. G. A. Melsés Amaro Jaleco, Lda. Sede da Administração e Redacção: Zona de Urbanização a Sul do Mercado, Lote 2 — VILA VIÇOSA Comp. e Imp.: Tipografia Eborauto, Lda. - ÉVORÁ